

## **Imanência e transcendência: as seduções gnósticas de nosso tempo**

*Immanence and Transcendence: The Gnostic Seductions of Our Time*

**Carlos Alberto Borges da Silva**

[carlos.borges@uerr.edu.br](mailto:carlos.borges@uerr.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0003-0155-0912>

**Severina de Abreu Vasconcelos**

[cidinhaavasconcelos@hotmail.com](mailto:cidinhaavasconcelos@hotmail.com)

### **RESUMO**

Este artigo examina como ideologias contemporâneas, tecno-utopismo, materialismo dialético, nacionalismo místico e progressismo identitário, reproduzem estruturas gnósticas antigas ao eliminar a tensão constitutiva entre imanência e transcendência. A humanidade vive como criaturas perpetuamente tensionadas entre o mundo que habita e algo que o excede infinitamente. É o existir de viajantes que carregam mapas de terras distantes enquanto pisam o chão familiar de cada dia. O perigo surge quando movimentos prometem resolver definitivamente esta tensão fundamental, oferecendo sínteses que eliminam o paradoxo da condição humana através de conhecimento esotérico para elites e redenção total via transformação das estruturas da realidade. Apoiando-se na análise de Eric Voegelin sobre gnosticismo político e nos insights de Hannah Arendt sobre totalitarismo, esta investigação revela como essas manipulações destroem mediações autênticas, linguagem, arte, ritual, tradição, que permitem experiência simultânea do transcendente e imanente sem resolver artificialmente sua tensão.

**Palavras-chave:** Gnosticismo Político; Mediações Autênticas; Imanência; Transcendência; Seduções Ideológicas; Resistência Cultural

### **ABSTRACT**

This article examines how contemporary ideologies, techno-utopianism, dialectical materialism, mystical nationalism, and identity progressivism, reproduce gnostic structures by eliminating the constitutive tension between immanence and transcendence. The analysis carefully distinguishes between legitimate concerns (environmental conservation, social justice, technological progress) and their gnostic distortions, which promise esoteric knowledge for elites and total redemption through transformation in the structure of reality. The central argument demonstrates that these manipulations destroy authentic mediations, language, art, ritual, tradition, that allow simultaneous experience of the transcendent and immanent without artificially resolving their tension.

**Keywords:** Political Gnosticism; Authentic Mediations; Immanence; Transcendence; Mass Ideologies; Cultural Resistance.

### **RESUMEN**

Este artículo examina cómo las ideologías contemporâneas, tecno-utopismo, materialismo dialéctico, nacionalismo místico y progresismo identitário, reproducen estructuras gnósticas antiguas al eliminar la tensión constitutiva entre imanencia y trascendencia. La humanidad vive como criaturas perpetuamente tensionadas entre el mundo que habita y algo que lo excede infinitamente. Es el existir de viajeros que cargan mapas de tierras distantes mientras pisan el suelo familiar de cada día. El peligro surge cuando movimientos prometen resolver definitivamente esta tensión fundamental, ofreciendo síntesis que eliminan la paradoja de la condición humana a través

de conhecimento esotérico para elites y redención total vía transformación de las estructuras de la realidad. Apoyándose en el análisis de Eric Voegelin sobre gnosticismo político y en las percepciones de Hannah Arendt sobre totalitarismo, esta investigación revela cómo estas manipulaciones destruyen mediaciones auténticas, lenguaje, arte, ritual, tradición, que permiten experiencia simultánea de lo trascendente e inmanente sin resolver artificialmente su tensión.

**Palabras clave:** Gnosticismo Político; Mediaciones Auténticas; Inmanencia; Trascendencia; Seducciones Ideológicas; Resistencia Cultura

## 1. Introdução

Os tempos modernos trouxeram algo perturbador que está sacudindo a atmosfera desta época, revelando um movimento que lembra as distantes heresias, só que vestidas com roupagens modernas. É o caminhar por entre as ruínas de certezas que há muito tempo pareciam inquestionáveis. Mas, em todos os lugares, surge um novo tipo de liderança espiritual: os profetas da modernidade. Eles não estão mais nas esquinas das ruas, com uma Bíblia cansada em mãos, mas sim com visões futuristas que prometem mudar tudo. Há os visionários da tecnologia, que falam de uma vida eterna na digitalização do ser. Existem também os revolucionários, que acreditam poder criar um mundo completamente novo. Além deles, os defensores da identidade, que prometem salvação através do autoconhecimento e da autoaceitação radical. Por fim, os grandes defensores do progresso contínuo, convictos de que a perfectibilidade humana está ao alcance através da inovação e da evolução pessoal ao longo do tempo. Cada um desses novos líderes espirituais apresenta suas próprias formas de alcançar a salvação humana.

Essa contradição revela algo essencial sobre a condição humana: ser constitutivamente tenso entre o mundo que se habita, aquilo que os filósofos chamam de imanência, e algo que o excede e o transcende. É viver simultaneamente imerso na materialidade do cotidiano e orientado para além dela, como viajantes que carregam nos bolsos mapas de terras distantes enquanto pisam o chão familiar de cada dia.

Para esclarecer estes conceitos fundamentais que perpassarão toda esta investigação: a imanência refere-se àquilo que permanece dentro, que habita conosco no mundo sensível, a experiência material, histórica e social, o peso tangível das coisas que tocamos e que nos tocam. A transcendência designa o que vai além da compreensão imediata, orientando para territórios que excedem o controle direto, seja o divino, o absoluto, ou dimensões de sentido que transcendem a materialidade pura.

A mediação autêntica, conceito central para esta análise, designa as formas legítimas através das quais a humanidade experimenta simultaneamente imanência e transcendência sem eliminar a tensão entre elas. Mediações como linguagem, arte, ritual, tradição e comunidade permitem que o transcendente se manifeste no imanente sem se reduzir a ele, preservando o mistério e a abertura constitutivos da experiência humana, como janelas que permitem vislumbrar paisagens que se estendem para além do horizonte visível.

Carl Schmitt observou que as ideologias de massa são formas seculares de teologia. Para ele, "todos os conceitos significativos da teoria do Estado moderno são conceitos teológicos secularizados" (Schmitt, 2006, p. 35). Essa observação indica uma continuidade estrutural entre formas religiosas e políticas que vai muito além da mera analogia, revela, antes, a persistência de estruturas espirituais profundas sob o verniz da modernidade secular.

O problema surge quando movimentos intelectuais e políticos prometem resolver definitivamente esta tensão constitutiva, oferecendo sínteses que eliminam o paradoxo fundamental da condição humana. É nesse momento que surgem sistemas de pensamento que Eric Voegelin identificou como manifestações perigosas do gnosticismo aplicado à política<sup>1</sup>. Segundo ele, esses sistemas prometem conhecimentos exclusivos que, se seguidos, eliminarão de uma vez por todas a incerteza, o sofrimento e os limites inerentes à condição humana. Diz ele que "A especulação gnóstica venceu a incerteza da fé, recuando da transcendência e dotando o homem e seu raio de ação intramundano com o significado da realização escatológica" (Voegelin, 1979, p. 125).

A hipótese que orienta esta investigação é que o enfraquecimento das mediações simbólicas tradicionais entre o imanente e o transcendente abriu espaço para o surgimento de ideologias totalizantes com estrutura gnóstica, que prometem acesso privilegiado à verdade, eliminação do sofrimento e superação radical da condição humana. Longe de constituírem meras heranças conceituais do passado, essas novas gnoses seculares operam como dispositivos de reorganização simbólica da estrutura da realidade, obscurecendo a abertura constitutiva do humano ao mistério e produzindo efeitos concretos de desumanização. Este artigo buscará demonstrar que

---

<sup>1</sup> O gnosticismo emergiu nos primeiros séculos da era cristã como um conjunto diverso de movimentos religiosos que compartilhavam certas características estruturais fundamentais. Contrariamente a interpretações simplificadas, o gnosticismo não constituía uma única seita, mas uma família de tradições espirituais que incluía grupos como os valentinianos, basilidianos, setitas e mandeanos, cada um com suas particulares cosmologias e práticas (Kurt, 1987).

a supressão da tensão imanência/transcendência não apenas empobrece a experiência espiritual e política, mas legitima estruturas de poder baseadas em promessas escatológicas intramundanas que desfiguram a dignidade humana.

## **2. Metodologia**

A análise empregada neste artigo optou pelo método fenomenológico-hermenêutico desdobrado em três etapas relacionadas:

- a) Análise detalhada de textos, declarações e práticas dos movimentos estudados, visando identificar as características estruturais que revelam a natureza gnóstica de suas propostas.
- b) Análise comparativa das promessas de eliminação da tensão: examinar como diferentes ideologias contemporâneas reproduzem o padrão gnóstico de prometer resolver definitivamente as tensões constitutivas da experiência humana.
- c) Avaliação das consequências antropológicas e políticas: investigar os efeitos concretos dessas manipulações gnósticas sobre a compreensão da pessoa humana e sobre as estruturas da vida política.

### **d) 2.1. Limitações e critérios restritivos do conceito gnóstico**

Para evitar aplicação imprecisa que desacreditaria esta análise, estabelecem-se critérios restritivos rigorosos. Nem todo movimento que promete mudança radical ou possui características autoritárias é necessariamente gnóstico. A classificação como gnosticismo político requer:

- a) Presença simultânea dos três critérios centrais: conhecimento esotérico, eliminação de tensões existenciais, instrumentalização do transcendente.
- b) Intensidade suficiente para distinguir de elementos gnósticos isolados.
- c) Persistência temporal que demonstre padrão estrutural, não aberração momentânea.
- d) Resistência à falsificação através de evidências contraditórias.

### 3. A dança eterna entre imanência e transcendência

Para compreender as seduções ideológicas deste tempo, é preciso primeiro examinar cuidadosamente estas duas dimensões fundamentais da experiência humana e sua relação complexa, uma relação que se assemelha a uma dança eterna, onde os parceiros se aproximam e se afastam sem jamais se fundir completamente nem se separar definitivamente.

No século XVII, Baruch Spinoza tentou uma fusão corajosa ao equiparar Deus à natureza numa única substância universal. "Tudo o que é, é em Deus, e nada pode ser nem ser concebido sem Deus" (Spinoza, 2008, p. 31), declarava o filósofo de Amsterdam com a audácia de quem busca resolver de uma vez por todas os enigmas metafísicos que atormentaram gerações de pensadores. Spinoza não propunha um materialismo vulgar, mas uma visão na qual espiritual e material constituíam aspectos de uma única realidade infinita, como as duas faces de uma mesma moeda cósmica.

A genialidade desta posição reside em sua elegância filosófica, na beleza quase matemática de sua simplicidade. Seu perigo, contudo, está na facilidade com que pode ser simplificada e manipulada: se tudo é divino, então certas realidades mundanas podem ser sacralizadas, transformadas em absolutos terrenos que exigem submissão total.

O cristianismo tradicional encontrou uma solução diferente, mais sutil e talvez mais próxima da verdadeira natureza das coisas: manter a tensão sem resolvê-la, principalmente a partir da síntese medieval: Deus era simultaneamente transcendente, infinitamente superior ao mundo, e imanente, presente em cada momento da criação, como um compositor que está ao mesmo tempo acima de sua sinfonia e presente em cada nota que ressoa. Como demonstra Gilson, "o cristianismo medieval conseguiu manter esta tensão através da doutrina da analogia: Deus é simultaneamente similar e dissimilar às suas criaturas, presente e ausente, cognoscível e incognoscível" (Gilson, 2006, p. 78).

Essa estrutura paradoxal impedia tanto a divinização do mundo quanto sua completa dessacralização. A tensão preservava tanto a dignidade do mundo criado quanto a transcendência absoluta do criador, mantendo aberto o espaço para autêntica experiência religiosa e política, um espaço de respiração onde o humano podia florescer sem pretender tornar-se divino.

### 3.1. Gnosticismo político: anatomia de uma sedução

Para compreender adequadamente os fenômenos que este artigo propõe analisar, é necessário lançar luz naquilo que se entende por gnosticismo político. Trata-se de uma estrutura de pensamento que, embora se manifeste sob formas aparentemente seculares, reproduz padrões espirituais característicos das antigas heresias gnósticas, adaptados às condições da modernidade<sup>2</sup>.

O gnosticismo político apresenta quatro características estruturais fundamentais que o distinguem tanto do pensamento religioso autêntico quanto da política prudencial:

- a) O movimento gnóstico tende a se estruturar em torno de uma elite que reivindica acesso exclusivo a verdades ocultas sobre a realidade. Essa elite, seja composta por tecno-visionários do Vale do Silício, por teóricos da revolução ou por intérpretes da chamada consciência identitária, apresenta-se como detentora de uma compreensão superior, inacessível ao entendimento comum. É esse saber reservado que fundamenta sua autoridade e legitima seu papel diretivo nos processos de transformação social.
- b) Outro traço característico é a supressão da tensão entre imanência e transcendência. Enquanto a experiência religiosa genuína conserva essa tensão como fonte de abertura ao mistério, o gnosticismo político pretende dissolvê-la mediante a absolutização de instâncias históricas ou mundanas. A transcendência, nesse contexto, é rebaixada e confundida com o progresso técnico, com o curso da história ou com a realização de utopias sociais, apagando-se, assim, a alteridade radical que define o transcendente.
- c) O gnosticismo político transfere as promessas de salvação do âmbito espiritual para o temporal, prometendo que a transformação adequada das estruturas materiais, econômicas, tecnológicas e sociais resultará na eliminação definitiva do sofrimento, da ignorância e da morte. Esta promessa de redenção intramundana torna-se o motor de projetos totalizantes que não toleram resistência.
- d) O mundo é concebido a partir de uma cisão radical entre forças da luz e das trevas, estabelecendo uma dicotomia entre os iluminados, que afirmam deter o verdadeiro conhecimento, e os ignorantes, vistos como obstáculos à revelação gnóstica. Essa clivagem alimenta uma lógica de enfrentamento

---

<sup>2</sup> A comparação entre movimentos contemporâneos e gnosticismo antigo é uma ferramenta heurística, não uma identidade histórica literal. O termo gnosticismo político é empregado de forma analógica para identificar padrões estruturais similares, mas reconhece-se que cada contexto histórico possui suas especificidades irreduzíveis.

absoluto, na qual os opositores não são interlocutores legítimos, mas inimigos da verdade. Com isso, o espaço para o dissenso é suprimido, e a política degrada-se em uma disputa maniqueísta, onde não há lugar para o debate, apenas para a aniquilação simbólica, ou mesmo literal, do outro.

### 3.2. Transcendência autêntica versus pseudo-transcendência: um quadro comparativo<sup>3</sup>

Para distinguir claramente entre experiências legítimas do transcendente e suas falsificações gnósticas, apresenta-se o seguinte quadro analítico:

Quadro I -- Experiências transcendentais

Dimensão	Transcendência autêntica	Pseudo-transcendência gnóstica
Relação com o mistério	Preserva e cultiva o mistério como dimensão constitutiva da realidade.	Promete eliminar o mistério por meio do conhecimento total.
Instrumentalização	Resiste à instrumentalização para fins políticos ou pessoais.	Permite e promove instrumentalização para projetos ideológicos.
Tensão temporal	Mantém tensão fecunda entre presente e eterno.	Elimina tensão através de sínteses temporais definitivas.
Universalidade	Reconhece dignidade universal mantendo particularidades.	Impõe uniformidade através de categorias totalitárias.
Conhecimento	Aceita limites do conhecimento humano.	Reivindica conhecimento absoluto para a elite especial.
Transformação	Promove transformação gradual respeitando a natureza humana.	Promete transformação radical da condição humana.

Fonte: Criado pelo próprio autor

Este quadro revela um padrão inquietante: enquanto a transcendência autêntica opera como força de resistência que preserva a alteridade radical e a abertura constitutiva do humano, suas falsificações gnósticas funcionam como dispositivos de captura que domesticam o infinito para servir a projetos de poder finitos. A diferença não é meramente teórica, trata-se de duas orientações existenciais incompatíveis que produzem frutos antropológicos opostos.

A pseudo-transcendência gnóstica revela sua natureza através de uma característica paradoxal: quanto mais promete elevar o homem acima de sua condição, mais brutalmente o reduz à unidimensionalidade. Oferece conhecimento total para produzir ignorância sistemática; promete libertação definitiva para gerar submissão absoluta; declara guerra ao mistério para mergulhar seus adeptos em obscuridades ainda mais profundas. É como se um falsário, ao tentar reproduzir uma obra-prima, traísse sua fraude precisamente através do excesso de perfeição técnica, escamoteando a ausência daquelas imperfeições sutis que conferem vida à criação autêntica.

<sup>3</sup> Este trabalho examina tendências dentro de movimentos ideológicos, não os movimentos como totalidades. Reconhece-se que a maioria dos fenômenos analisados contém elementos legítimos e que críticas radicais não invalidam completamente suas contribuições positivas

A transcendência verdadeira, ao contrário, opera segundo uma lógica de *kenosis*, que é o esvaziamento que paradoxalmente plenifica, humildade que genuinamente eleva, reconhecimento de limites que abre horizontes infinitos. Não elimina o sofrimento, mas o transfigura; não resolve o mistério, mas ensina a habitá-lo; não promete onisciência, mas cultiva aquela *docta ignorantia* que Nicolau de Cusa (2012) identificou como sabedoria suprema.

Estas distinções, longe de constituírem sutilezas abstratas para especialistas, manifestam-se com clareza dramática nos fenômenos ideológicos contemporâneos que passar-se-á a examinar. Cada movimento analisado nas próximas seções poderá ser medido contra estes critérios, revelando como a promessa de transcendência pode mascarar formas sofisticadas de imanentização total.

#### **4. As novas gnoses: salvação através do mundo**

##### **4.1. O materialismo dialético como escatologia secular**

O materialismo dialético representa uma das mais sofisticadas secularizações da escatologia cristã, transferindo a promessa de redenção para o plano puramente temporal com uma audácia quase blasfema. Como demonstra Voegelin, "a especulação gnóstica venceu a incerteza da fé, recuando da transcendência e dotando o homem e seu raio de ação intramundano com o significado da realização escatológica" (Voegelin, 1979, p. 98).

Essa concepção projeta a redenção humana no próprio curso da história, convertendo a dialética materialista em uma espécie de providência imanente, encarregada de conduzir, de forma inexorável, a humanidade ao almejado paraíso comunista. A China de Mao Tsé-tung oferece talvez o exemplo mais dramático e trágico, dessa tentação gnóstica: ali, o Partido Comunista assumiu contornos quase sacrais, erigindo-se como intérprete único dos hieróglifos secretos da história e como guia capaz de conduzir o povo a um futuro radioso, onde cessariam para sempre as contradições que afligem a humanidade desde seus primórdios.

O Partido investiu-se do papel de guardião de um saber científico sobre os movimentos ocultos da história, um conhecimento reservado que lhe permitiria instaurar, pela revolução permanente e pela supressão definitiva dos antagonismos sociais, uma espécie de paraíso terreno. Essa elite gnóstica moderna, segundo suas próprias pretensões, detinha as chaves para decifrar as

leis imutáveis do desenvolvimento social, convertendo-se na vanguarda iluminada de um processo cósmico de redenção.

O Grande Salto Adiante (1958-1962) foi, talvez, a mais temerária das empreitadas geradas por tal visão de mundo, episódio que expõe, com clareza perturbadora, as consequências práticas do gnosticismo político levado ao seu extremo. Naqueles anos de delírio coletivo, Mao lançou-se à tentativa desesperada de violentar o tempo histórico, como se fosse possível arrancar da terra chinesa, pela pura força da vontade revolucionária e do saber dialético, uma transformação que a própria natureza das coisas recusava conceder.

Camponeses foram removidos de seus campos ancestrais e postos diante de fornos improvisados, onde deveriam forjar o aço que construiria o futuro socialista. A sabedoria milenar da agricultura foi desprezada em favor dos imperativos da ideologia, como se as leis da natureza pudessem ser revogadas por decreto partidário. Enquanto isso, os números da produção agrícola eram inflados com a mesma fantasia com que se alimentam os sonhos dos homens embriagados pelo poder absoluto (Chang e Halliday, 2006, p. 484-497).

O que se seguiu foi um colapso de proporções bíblicas, uma catástrofe que revelou com brutalidade incontestável a distância abissal entre as promessas gnósticas e a realidade concreta. As colheitas desmoronaram sem precedentes, e uma fome implacável varreu a China de norte a sul, ceifando vidas como uma foice gigantesca manejada por mãos invisíveis. Entre 1959 e 1961, cerca de 30 milhões de almas pereceram, um dos mais tenebrosos episódios que o século XX, já tão pródigo em horrores, legou à posteridade (Smil, 1999).

Assim terminou aquela tentativa audaciosa de acelerar artificialmente o curso da história através do conhecimento gnóstico: não com o paraíso prometido, mas com uma catástrofe que revelou, de forma brutal e definitiva, os limites intransponíveis da ambição humana quando se divorcia da realidade e se embriaga com visões de onipotência temporal. Entretanto, é preciso esclarecer, sem consternação, que a crítica marxista, base desse modelo de movimento político-social, é parcialmente válida: o marxismo em sua formulação original mantém elementos de rigor científico e evita algumas armadilhas gnósticas. No entanto, certas interpretações do marxismo (particularmente nas versões leninistas e maoístas) desenvolveram características problemáticas e desastrosas para a humanidade, como demonstrado.

## 4.2. O tecno-utopismo como nova religião

A forma mais visível e sedutora do tecno-utopismo contemporâneo manifesta-se no movimento transumanista, que promete superar radicalmente a condição humana através da aplicação sistemática de tecnologias para a vida eterna. Entre os protagonistas dessa empreitada, destaca-se Aubrey de Grey, cuja militância científica contra o envelhecimento e a morte assume o tom fervoroso de uma cruzada escatológica. Sua retórica, impregnada de convicção messiânica, revela o ímpeto de um visionário que transforma a longevidade em promessa de redenção. Em suas obras, ele defende uma extensão radical da vida humana, prometendo que as gerações futuras poderão viver indefinidamente através de intervenções tecnológicas precisas (Grey, 2019). Este movimento vê a evolução natural como um processo cruel e ineficiente, marcado por desperdício e sofrimento, e se apresenta como arauto de uma nova era em que a tecnologia libertará finalmente a humanidade das limitações ancestrais da morte e da entropia.

Entre os profetas mais ardorosos deste novo mundo tecnológico, destaca-se Ray Kurzweil, cujas visões assumem claramente características messiânicas. Para ele, os computadores terão inteligência equivalente à humana até 2029, quando, vinte anos depois, cérebro e computação se fundirão em uma síntese superior que criará seres genuinamente super-humanos. Kurzweil afirma com a convicção de um vidente que nanorrobôs médicos estarão disponíveis para reparar os corpos humanos indefinidamente, e que, na década de 2040, tecnologias de vida após a morte permitirão restaurar mentes humanas em suportes digitais, permitindo-lhes a imortalidade (Kurzweil, 2024).

Empresários como Elon Musk ampliam essa visão prometeica com projetos como a *Neuralink*, empresa que desenvolve interfaces cérebro-computador destinadas a traduzir sinais neurais em ações diretas. Em ensaios clínicos que beiram a ficção científica, pessoas já controlam computadores e braços robóticos apenas com pensamentos, enquanto a empresa promete que essa tecnologia não apenas restaurará a autonomia de pessoas com necessidades médicas, mas "desbloqueará novas dimensões do potencial humano" ainda inimagináveis (Captech, s.d.).

Os líderes das grandes corporações tecnológicas assumem crescentemente o papel de uma nova classe gnóstica, desenvolvendo uma linguagem cada vez mais esotérica sobre algoritmos transcendentais e consciência artificial, como se fossem os únicos capazes de compreender os

mistérios profundos da evolução tecnológica que transformará radical e definitivamente a condição humana (Harari, 2016; Zuboff, 2019; Beiguelman, 2021).

#### 4.3. Ambientalismo radical e a divinização da natureza

É preciso reconhecer que preocupações ecológicas são sempre legítimas e urgentes, representando uma responsabilidade genuína da humanidade contemporânea diante das ameaças ao equilíbrio natural. Contudo, certas correntes do movimento ambientalista transcendem esta legítima preocupação para assumir características místico-religiosas que reproduzem padrões gnósticos clássicos.

Movimentos como o *Deep Ecology* e o *Earth First!* exemplificam uma forma de ambientalismo que sacraliza a natureza, dispensando qualquer referência transcendente e transformando a própria Terra em divindade imanente. Estas correntes radicais veem a natureza como um sistema auto-organizado dotado de sabedoria intrínseca superior à razão humana, exigindo submissão total dos seres humanos aos seus imperativos ecológicos (Scruton, 2017, p. 10).

Greta Thunberg tornou-se figura profética de um movimento que assume ares quase religiosos, onde a Terra (Gaia) torna-se nova divindade imanente, sistema autorregulado que possui uma inteligência superior e benevolente. Esta sacralização da natureza reproduz o padrão gnóstico de eliminar a tensão entre imanência e transcendência, localizando o absoluto diretamente no mundo material.

O fenômeno reproduz padrões gnósticos ao dividir maniqueisticamente a realidade entre salvadores do planeta, portadores de conhecimento esotérico sobre as leis naturais e os ritmos profundos de Gaia, e os destruidores da natureza, representantes das forças do mal que, por ignorância ou malícia, resistem aos imperativos ecológicos. A diferença crucial entre conservação responsável dos recursos naturais e sacralização gnóstica da natureza reside no fato de que a primeira mantém a tensão fecunda entre responsabilidade humana e transcendência divina, enquanto a segunda localiza o absoluto na própria imanência natural, eliminando qualquer instância crítica superior.

Esta distinção fundamental manifesta-se claramente na prática das ações ecológicas. Um exemplo é o movimento de conservação baseado na propriedade privada, como o trabalho da

*Nature Conservancy* (2025), que, em parceria com fazendeiros, exemplifica uma abordagem conservadora efetiva aos problemas ambientais. Em vez de sacralizar a natureza, esta abordagem reconhece a responsabilidade humana de administração, combinando conservação com prosperidade econômica através de incentivos de mercado e tradições locais de gestão da terra.

#### **4.4. Sincretismo religioso e nova espiritualidade global**

Um fenômeno particularmente ilustrativo da manipulação gnóstica contemporânea pode ser observado no movimento da religião mundial promovido por organizações como a *United Religions Initiative* (URI). Como documenta Lee Penn, esses movimentos "mesclam e correlacionam crenças e práticas de uma imensa gama de religiões e movimentos espirituais, tirando de seu contexto as partes mais atraentes, as redefinem, e as utilizam de modo inimaginável para um crente tradicional" (Penn, 2020, p. 25).

Essa dinâmica reproduz perfeitamente o padrão gnóstico de eliminação da tensão constitutiva entre imanência e transcendência. Ao criar um amontoado sincretista que mistura elementos de tradições diversas como ingredientes numa receita cósmica, esses movimentos destroem precisamente aquilo que torna cada tradição autenticamente transcendente: sua especificidade histórica, suas exigências particulares e sua resistência à instrumentalização política.

O resultado é uma espiritualidade domesticada que promete acesso fácil ao transcendente sem as dificuldades, contradições e exigências morais que caracterizam as tradições autênticas. Essa nova religião mundial serve perfeitamente aos propósitos de elites globalistas que necessitam de legitimação espiritual para seus projetos políticos, oferecendo uma transcendência controlada que não questiona nem desafia as estruturas de poder estabelecidas (Penn, 2020, p. 100-108).

### **5. Os novos absolutos: fuga do mundo através do mundo**

#### **5.1. Sacralização de identidades: nacional e grupal**

O amor responsável pelo país e pela comunidade de origem constitui um sentimento natural e moralmente legítimo, expressão saudável do reconhecimento de que a humanidade é

composta por seres situados, enraizados em tradições específicas que moldam a identidade. Contudo, quando este sentimento se transforma em sacralização mística da nação ou do grupo étnico, surge uma forma perigosa de pseudo-transcendência que localiza o absoluto na própria comunidade particular.

O caso da Hungria sob Viktor Orbán ilustra com clareza como o nacionalismo pode transcender sua dimensão política legítima para assumir características místico-religiosas profundamente problemáticas. O Cristianismo Nacional húngaro promovido por Orbán sacraliza a nação étnica, dispensando referência ao Deus transcendente do cristianismo histórico e transformando a comunidade nacional em fonte última de significado e valor (Brubaker, 2017).

Essa ideologia localiza o absoluto na própria comunidade nacional, estabelecendo uma diferença fundamental entre patriotismo legítimo, o amor responsável pelo país dentro de limites morais claros, e sacralização nacional, a divinização da comunidade étnica que a coloca acima de qualquer julgamento moral exterior. A sacralização da nação elimina qualquer instância crítica superior que possa julgar as ações nacionais, transformando o país numa espécie de divindade tribal que exige submissão incondicional.

## 5.2. Progressismo identitário e escatologia secular

É inegável que discriminações históricas baseadas em raça, gênero e outras características criaram injustiças estruturais genuínas que demandam correção moral. A experiência de marginalização oferece *insights* valiosos sobre aspectos da realidade social frequentemente negligenciados por perspectivas dominantes. O problema surge não no reconhecimento dessas injustiças, mas quando a correção assume características gnósticas: a identidade deixa de ser característica contingente e histórica para tornar-se a essência mais profunda da pessoa, fonte de conhecimento privilegiado sobre a realidade que escapa àqueles situados em posições menos oprimidas.

Em certas expressões do ativismo progressista contemporâneo, revela-se uma mutação sutil, mas decisiva, na maneira como o sujeito moderno passa a conceber a si mesmo e sua identidade. Empenhar-se contra todas as formas de discriminação e injustiça permanece, não se pode negar, um requisito moral fundamental, importante para o estabelecimento da dignidade humana universal. Thomas Sowell dedicou sua vida a combater todas as formas de injustiça baseada na cor da pele. Em suas análises, ele reitera que a verdadeira justiça não se edifica sobre

privilégios concedidos a determinados grupos, mas sobre a igualdade substancial entre os homens, independentemente de raça, origem ou credo. Sua abordagem decorre de seu exame de privilégios (cotas) em países como África do Sul, Sri Lanka e Malásia, por exemplo (Sowell, 2016, p. 224-259).

Contudo, essa tradição de pensamento que equilibra denúncia da injustiça com universalidade ética encontrou, nas últimas décadas, um desafio inesperado vindo não de seus opositores, mas de supostos aliados. No século XXI, expandiu-se, principalmente no Ocidente, o chamado movimento *woke* que, embora compartilhe preocupações legítimas com a injustiça, extrapola essa justa aspiração para fazer surgir um fenômeno mais complexo e inquietante: a sacralização das identidades. Nesse novo ordenamento simbólico, a identidade deixa de ser um dado contingente da experiência para adquirir uma aura metafísica, quase inviolável. É nesse ponto que o impulso emancipatório cede lugar a uma lógica gnóstica, onde apenas os iniciados, portadores de um sofrimento legitimador, têm acesso ao conhecimento e à autoridade moral. A justiça, nesse cenário, já não é um horizonte comum, mas um território segmentado, no qual o valor do discurso se mede pela identidade de quem o profere.

Um exemplo eloquente dessa inclinação de fundo gnóstico pode ser encontrado na teoria crítica da raça, tal como formulada por teóricos como Derrick Bell (1993) e popularizada por figuras como Robin DiAngelo (2018). Esta corrente atribui às categorias identitárias uma densidade que ultrapassa o plano sociológico, conferindo-lhes estatuto quase metafísico, numa forma de religião secular.

A expressão simbólica da experiência subjetiva do sofrimento passou a adquirir valor epistêmico absoluto, obstando qualquer espaço comum de interlocução. A verdade, uma vez compartilhada por todos, torna-se prerrogativa de alguns, e o diálogo cede lugar à proclamação oracular dos que foram iniciados pela dor. Como observam Lindsay e Pluckrose, essa lógica engendra uma hierarquia epistemológica fundada na identidade, segundo a qual a legitimidade do discurso depende da posição ocupada na escala de opressão. Trata-se, assim, de uma reconfiguração gnóstica do saber, em que o conhecimento se torna prerrogativa de grupos iniciados, portadores de um saber esotérico inacessível aos privilegiados (Lindsay; Pluckrose, 2020).

Paralelamente a esta hierarquia epistemológica baseada na identidade, o gnosticismo progressista manifesta-se igualmente na sacralização do tempo histórico. O progressismo contemporâneo desenvolve uma forma sofisticada de transcendência puramente temporal, localizando o absoluto não no eterno, mas no futuro utópico que se aproxima inexoravelmente. Estar do lado certo da história torna-se nova forma de salvação, promessa de justificação final que legitima qualquer ação no presente. Como observa Löwith, "a filosofia moderna da história originou-se com a secularização escatológica. Seu tema principal é a mundanização progressiva da esperança cristã numa providência transcendente" (Löwith, 1991, p. 67).

É crucial, no entanto, distinguir essas manifestações gnósticas das tradições políticas legítimas da modernidade. Quando se trata da democracia liberal, é preciso esclarecer que ela mantém caráter não-gnóstico quando reconhece seus limites e opera dentro de horizonte de transcendência que fundamenta direitos fundamentais. Torna-se problemática quando se transforma em ideologia totalizante que promete resolver todos os problemas sociais por meio da extensão indefinida de procedimentos democráticos. Se a democracia liberal pode apresentar problemas, do mesmo modo também o capitalismo, quando promete redenção através do crescimento infinito e reduz a complexidade humana ao comportamento econômico, desenvolve características semelhantes às ideologias gnósticas.

Esta distinção é fundamental para uma avaliação equilibrada. Não se pode negar que a modernidade liberal efetivamente criou espaços valiosos de liberdade e dignidade humana. É preciso ter a compreensão de que a análise do gnosticismo político não deveria ser usada para rejeitar todas as conquistas modernas, mas para identificar tendências totalitárias que ameaçam essas mesmas conquistas. Alguns liberais clássicos (como Madison, Tocqueville) efetivamente mantiveram sensibilidade à transcendência que evitava tendências gnósticas.

## **6. Consequências da manipulação gnóstica**

A manipulação gnóstica produz uma devastação antropológica que se estende como ondas concêntricas através de toda a experiência humana, reduzindo a riqueza existencial a uma única dimensão e eliminando a abertura constitutiva ao transcendente que define o ser humano. Esta redução tem consequências práticas devastadoras: as pessoas são instrumentalizadas em função de projetos totalizantes que prometem a redenção através da transformação radical das estruturas mundanas.

Como observa E. Michael Jones, "na vida intelectual, existem apenas duas alternativas últimas: ou o pensador conforma o desejo à verdade, ou conforma a verdade ao desejo" (Jones, 2021, p. 15). A corrupção gnóstica opera precisamente através desta segunda alternativa, subordinando a realidade às exigências ideológicas, criando mundos artificiais nos quais a verdade é moldada para satisfazer as necessidades do sistema de poder estabelecido.

Esse processo resulta, como analisa Scruton (2015), na perda progressiva do senso de sacralidade da pessoa humana. Quando o transcendente é eliminado ou falsificado, o ser humano perde sua dignidade fundamental, que deriva precisamente de sua abertura ao infinito, tornando-se mero material para experimentos sociais ou tecnológicos.

As implicações políticas derivadas disso são igualmente graves e aterrorizantes. Como bem assevera Robert Nisbet, em sua análise do totalitarismo:

Os profetas contemporâneos da comunidade totalitária buscam, com todas as técnicas da ciência moderna à sua disposição, transmutar os anseios populares por comunidade numa sensação milenar de participação no poder celestial sobre a terra. Quando impregnado pelas devoções espirituais populares, o partido político torna-se mais que um partido. Converte-se numa comunidade moral de intensidade quase religiosa, um símbolo profundamente evocativo de propósito coletivo e redentor, uma paixão que implica cada elemento de crença e comportamento na existência do indivíduo (Nisbet, 1962, p. 33).

O totalitarismo emerge como consequência lógica da pretensão gnóstica de realizar completamente o sagrado no mundo, eliminando os espaços intermediários onde a vida política autêntica pode florescer.

Se no plano político o gnosticismo produz o totalitarismo, no âmbito cultural suas consequências são igualmente destrutivas. No plano cultural, observa-se um empobrecimento progressivo da imaginação simbólica, a perda gradual do senso do mistério e a banalização sistemática do transcendente. Como diagnostica Romano Guardini (2018) com a clarividência de quem viveu as convulsões do século XX, a cultura moderna perde progressivamente a capacidade de experiência genuinamente religiosa, substituindo-a por sucedâneos ideológicos que prometem preencher o vazio existencial através de formas seculares de transcendência.

Paradoxalmente, essas pseudo-transcendências destroem a própria possibilidade de experiência autenticamente transcendente, fechando as janelas da alma que permitem respirar o ar puro das altitudes espirituais. O resultado é uma cultura sufocada em sua própria imanência, como um quarto hermeticamente fechado onde o oxigênio vai se esgotando lentamente.

## 7. Formas de resistência: recuperando a tensão autêntica

A experiência histórica demonstra que a resistência ao gnosticismo ideológico exige estratégias práticas que transcendem a mera crítica teórica, operando simultaneamente em múltiplos níveis da experiência humana como uma sinfonia complexa na qual cada instrumento contribui para a harmonia do conjunto.

No âmbito educacional, as experiências mais bem-sucedidas de resistência ao totalitarismo intelectual emergiram de instituições que conseguiram preservar espaços para questões fundamentais. Os exemplos são as escolas Charter nos EUA e o modelo aplicado na Universidade de Chicago, sob o decanato de Robert Maynard Hutchins, que oferece um modelo instrutivo. Através da ênfase nos livros fundamentais e no confronto direto com questões perenes, a universidade conseguiu formar gerações de estudantes capazes de resistir às seduções ideológicas de sua época (Hutchins, 1936).

A formação do pensamento crítico autêntico, distinto do pensamento crítico instrumentalizado pelas ideologias contemporâneas, requer o cultivo da capacidade de habitar produtivamente a tensão entre perguntas profundas e respostas provisórias. Isto se desenvolve através do estudo direto de textos clássicos que preservam questões abertas, da prática da argumentação dialógica que respeita a complexidade dos problemas fundamentais, e da tolerância cultivada à ambiguidade que caracteriza os grandes temas da existência humana.

A resistência prática exige igualmente o fortalecimento de instituições intermediárias que promovam mediação autêntica entre imanência e transcendência: como universidades que se mantêm fiéis à vocação primeira de busca desinteressada pela verdade, resistindo às pressões ideológicas de qualquer matiz; comunidades religiosas que conservam viva a tensão fecunda entre a transcendência divina e o compromisso ético com o mundo; organizações civis que ainda cultivam o debate público como espaço de encontro entre diferentes visões; todas essas instituições atuam como barragens contra a torrente niveladora do totalitarismo.

Foi em contextos de opressão mais aguda que se revelaram, com nitidez admirável, experiências dessa resistência. Václav Havel (1978), na Tchecoslováquia, e Czesław Miłosz (1990), na Polônia, legaram exemplos de lucidez e firmeza moral. Ambos conceberam formas refinadas de oposição cultural que, mesmo sob a sombra de regimes autoritários, conseguiam preservar o espaço interior da consciência, salvaguardado por redes informais de memória,

linguagem e tradição, que embora sejam estruturas discretas, mas resilientes, que mantinham acesa a centelha da liberdade.

Contra as seduções totalizantes da época, resta cultivar aquilo que os antigos chamavam de *askesis*, que são exercícios espirituais que preservam a alma em estado de vigilância. Não se trata de receitas, mas de uma ecologia interior: a leitura meditativa de textos que recusam entregar seus segredos às seduções ideológicas; a participação em rituais que mantêm aceso o senso do sagrado como alteridade irreduzível; o engajamento político que resiste tanto à paralisia cínica quanto ao furor redentor; e quiçá o mais difícil, a paciência de construir amizades onde cada pessoa permanece mistério que nunca se esgota na compreensão que se tem dela.

Paul Ricoeur captou algo fundamental quando observou que "não há compreensão de si que não seja mediada por signos, símbolos e textos; a compreensão de si coincide com a interpretação aplicada a esses termos mediadores" (Ricoeur, 1991, p. 123). A humanidade é constitutivamente mediada por seres que acessam a realidade sempre através de símbolos, linguagem, tradições e comunidades. Por essa razão, toda ideologia que promete acesso imediato ao absoluto, seja através de algoritmos salvíficos ou revoluções definitivas, oferece precisamente aquilo que a natureza humana torna impossível: a fusão direta com o transcendente. É justamente nesta limitação constitutiva, nesta necessidade de mediação, que reside a dignidade humana, pois é nela que se preserva tanto nossa finitude quanto nossa abertura ao infinito.

É por meio dessas mediações, frágeis, mas persistentes, que a consciência permanece aberta ao outro e ao mistério que sustenta o ser. Esta estrutura essencialmente mediata da experiência humana implica que toda promessa de imediatez, seja tecnológica, política ou espiritual, constitui ilusão antropológica que abre espaço para manipulação ideológica.

## 8. Conclusão

Ao término desta investigação sobre as seduções gnósticas que marcam o imaginário contemporâneo, impõe-se com nitidez uma constatação decisiva: compreender de modo adequado a relação entre imanência e transcendência requer o reconhecimento do papel essencial da mediação na experiência humana. É ser, por natureza, seres mediados, atravessados por símbolos, rituais, narrativas e formas, que acessam o infinito por meio do finito, o eterno através do tempo, o absoluto sob a forma do relativo. A mediação não dissolve a alteridade, mas a torna acessível

sem anulá-la; ela guarda, ao mesmo tempo, a proximidade e o mistério, a intimidade e a distância que configuram a densidade própria da experiência espiritual e existencial.

Mediações autênticas, como linguagem poética, arte genuína, ritual sagrado, tradição viva, comunidade de amizade, permitem a experiência simultânea da imanência e da transcendência sem prometer resolver definitivamente esta tensão constitutiva. Como pontes que permitem travessia entre margens opostas sem apagar a diferença que as distingue, estas mediações mantêm aberto o espaço onde o transcendente pode manifestar-se no imanente sem se reduzir a ele.

As falsas mediações gnósticas, ao contrário, prometem eliminar a tensão através de sínteses que, na realidade, a destroem. São como espelhos que refletem apenas a própria imagem ampliada, fazendo crer que se alcançou o absoluto quando, na verdade, permanece-se preso na caverna das próprias projeções.

O desafio contemporâneo consiste em manter viva a tensão constitutiva da existência humana sem cair nas pseudo-sínteses gnósticas que prometem resolvê-la definitivamente. Isso exige virtudes antigas que precisam ser redescobertas e cultivadas com paciência: a coragem de viver na tensão sem prometer sua resolução definitiva; a sabedoria para distinguir entre mediações autênticas e falsas mediações ideológicas; a vigilância constante contra tentações totalitárias que emergem quando o político assume características de absoluto.

A verdadeira sabedoria, aquela que os antigos chamavam de *sophia* e que transcende a mera acumulação de informações, não consiste em resolver definitivamente a tensão entre imanência e transcendência, mas em aprender a habitá-la com a graça de quem dança entre dois mundos sem pretender possuir nenhum deles completamente. Essa habitação não é resignação passiva diante dos problemas do mundo, mas ativa vigilância contra as tentações totalitárias que emergem quando se perde o senso da medida humana.

Como viajantes numa terra que é simultaneamente lar e exílio, é ser chamado a construir moradas provisórias que honrem tanto a necessidade de enraizamento quanto a vocação para o infinito. Somente assim se poderão preservar os espaços frágeis e preciosos de liberdade onde os seres humanos podem encontrar-se como iguais em dignidade fundamental, diferentes em perspectivas particulares, e unidos na tarefa comum de construir um mundo habitável para criaturas que são, simultaneamente, deste mundo e chamadas para além dele.

A resistência às tentações gnósticas do tempo presente não se consuma em gestos épicos ou no brilho solitário de heróis iluminados, mas no labor silencioso de jardineiros da alma, homens e mulheres que, com mãos discretas e persistentes, cultivam pequenos recantos onde a vida humana, em toda a sua fragilidade e grandeza, possa desabrochar sem ser sufocada pelas promessas de redenção total.

É nesse cotidiano quase invisível, no recolhimento da leitura que preserva o mistério, no gesto gratuito da amizade verdadeira, na prece murmurada ao entardecer, ou na contemplação silenciosa de uma beleza que não se impõe, que repousam as sementes de uma resistência duradoura. Sementes lançadas ao solo sem pressa, sem garantias, sem cálculo. Talvez nunca se veja seu florescimento, mas isso não tem importância.

A verdade mais íntima, aquela que resiste ao rumor dos sistemas totalizantes, é simples e austera: não cabe salvar o mundo por meio de projetos grandiosos de salvação coletiva, mas permanecer fiel, nos intervalos da vida, à tensão fundante que constitui o ser humano. É ser criaturas liminares, habitantes da fenda entre o chão e o infinito, entre o agora e o ainda-não, entre o que é dado e aquilo que apenas se vislumbra. E é nesse intervalo que reside o chamado humano. É assim que a humanidade foi feita.

## 9. Referências

ADLER, Mortimer. *The Paideia Proposal: An Educational Manifesto*. New York: Macmillan, 1982.

ARENDR, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1951].

BELL, Derrick. *Faces at the bottom of the well: the permanence of racism. Faces at the bottom of the well: the permanence of racism*. New York. Basic Books, 1993.

BEIGUEMAN, Giselle. *Políticas de imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BRUBAKER, Rogers. Between nationalism and civilizationism: the European populist moment in comparative perspective. *Ethnic and Racial Studies*, v. 40, n. 8, p. 1191-1226, 2017.

CAPTECH UNIVERSITY. Neuralink's brain chip: how it works and what it means. *CapTech University Blog*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.captechu.edu/blog/neuralinks-brain-chip-how-it-works-and-what-it-means>. Acesso em: 1 maio 2025.

CHANG, Jung; HALLIDAY, Jon. *Mao: A História Desconhecida*. Tradução de Berilo Vargas et al. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CUSA, Nicolau de. *A douta ignorância*. Tradução de João Maria André. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

DIANGELO, Robin. *White Fragility: Why It's So Hard for White People to Talk About Racism*. Boston: Beacon Press, 2018.

GILSON, Étienne. *O Espírito da Filosofia Medieval*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1952].

GREY, Aubrey de. *O Fim do Envelhecimento: Os avanços que poderiam reverter o envelhecimento humano durante nossa vida*. São Paulo: Editora NTZ, 2019.

GUARDINI, Romano. *O Fim dos Tempos Modernos*. Tradução de Eduardo Rocha Virmond. São Paulo: É Realizações, 2018 [1950].

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HAVEL, Václav. *The Power of the Powerless*. Prague: Charter 77 Foundation, 1978.

HUTCHINS, Robert Maynard. *The Higher Learning in America*. New Haven: Yale University Press, 1936.

KURT, Rudolph. *Gnosis: The nature and history of gnosticism*. San Francisco: HarperOne, 1987.

JONES, E. Michael. *Modernos Degenerados: a modernidade enquanto racionalização da perversão*. Campinas: Vide Editorial, 2021.

KURZWEIL, Ray. AI scientist Ray Kurzweil: 'We are going to expand intelligence a millionfold by 2045'. *The Guardian*, 29 jun. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/article/2024/jun/29/ray-kurzweil-google-ai-the-singularity-is-nearer>. Acesso em: 1 maio 2025.

LINDSAY, James; PLUCKROSE, Helen. *Cynical Theories: How Activist Scholarship Made Everything about Race, Gender, and Identity and Why This Harms Everybody*. Durham: Pitchstone Publishing, 2020.

LÖWITH, Karl. *O Sentido da História*. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1991.

MCWHORTER, John. *Woke Racism: How a New Religion Has Betrayed Black America*. New York: Portfolio, 2021.

MIŁOSZ, Czesław. *The Captive Mind*. Londres: Vintage, 1990.

NISBET, Robert. *Community and Power: formerly the quest for community*. New York: A Galaxy Book, 1962.

THE NATURE CONSERVANCY. *Texas Working Lands: protecting our water, wildlife and way of life*. Stories in Texas. Nature.org, [S.l.], 2025. Disponível em: <https://www.nature.org/en-us/about-us/where-we-work/united-states/texas/stories-in-texas/texas-conservation-partnerships/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

PENN, Lee. *Falsa Aurora: A Iniciativa das Religiões Unidas, o Globalismo e a Busca por uma Religião Mundial*. Tradução de Márcio Stockler e Elton Mesquita. Campinas: Vide Editorial, 2020.

RICOEUR, Paul. *O Si-mesmo como Outro*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SCHMITT, Carl. *Teologia Política*. Tradução de Elisete Antoniuk. Belo Horizonte: Del Rey, 2006 [1922].

SCRUTON, Roger. *Como Ser um Conservador*. Tradução de Bruno Garschagen. Rio de Janeiro: Record, 2015.

\_\_\_\_\_. *Filosofia Verde: Como pensar seriamente o planeta*. São Paulo: É Realizações, 2017. (versão PDF, in: <https://www.dirzon.com/Doc/ReaderAsync?target=telegram%3AFilosofia%20verde.pdf>, acessado em 12/03/2025)

SMIL, Vaclav. China's great famine: 40 years later. *BMJ*, v. 319, n. 7225, p. 1619-1621, 18 dez. 1999. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC1127087/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VOEGELIN, Eric. *A Nova Ciência da Política*. Tradução de José Viegas Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979 [1952].

ZUBOFF, Shoshana. *A Era do Capitalismo de Vigilância*. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.